

Os eixos da Política Externa do Paraguai de 1954 a 1989¹

The axis of the Paraguayan Foreign Policy from 1954 to 1989

Tomaz Espósito Neto*

Boletim Meridiano 47 vol. 13, n. 134, nov.-dez. 2012 [p. 11 a 18]

Introdução

No período de 1954 a 1989, Alfredo Stroessner, com apoio do Partido Colorado e das Forças Armadas, governou o Paraguai com “mão de ferro”. Os trinta e cinco anos de *Stroonato* destoam da história política paraguaia pós 1870, cujo signo principal é a instabilidade política. Quarenta e quatro pessoas, dentre as quais nove militares, ocuparam a presidência do Paraguai de 1870 a 1954, e vinte e cinco golpes de Estado foram bem sucedidos nesse período. Por meio de uma média aritmética simples, chega-se a uma duração aproximada de dois anos para cada mandato presidencial nessa fase (GOIRIS, 2000, p. 21).

Alguns autores, como Lewis (1986), Goiris (2004) e Acalá (2005), afirmam que o uso extensivo da violência e o autoritarismo são parte da ideologia e da cultura política paraguaia, cujas raízes se encontram na formação do Estado, em especial nos governos dos ditadores José Gaspar Rodríguez Francia (1811–1840), Carlos López (1844–1862) e Fernando Solano López (1862–1870).

A ditadura de Stroessner também fez uso extensivo dos aparatos de repressão e perseguição aos seus opositores. No entanto, esse fato, isolado, não explica a longevidade do *Stroonato*. Então, como Stroessner se manteve tanto tempo no poder?

A tese mais aceita é a de que Stroessner, como profundo conhecedor da realidade paraguaia, criou os meios de sustentação do seu regime por meio de uma estratégia articulada entre política interna, internacional regional e global, também conhecida como “política externa pendular” de viés “realista” (MENEZES, 1987; FARINA, 2003).

O presente ensaio tem como objetivo analisar os principais eixos da política exterior paraguaia do governo Stroessner, de 1954 a 1989, em especial suas relações com os Estados Unidos, Brasil e Argentina.

A ascensão de Stroessner

Alfredo Stroessner nasceu e cresceu na pequena Encarnación, e, devido a sua ascendência alemã, ficou conhecido como “El Rubio”; posteriormente, já na presidência, receberia um novo apelido, “El Supremo”. Ingressou ainda adolescente na Escola Militar em 1929, e ganhou projeção na Guerra do Chaco (1932–1935), quando comandou uma força da artilharia paraguaia. Stroessner causou boa impressão nos seus superiores e subordinados, e passou a ser tido como um oficial valoroso e promissor (FARINA, 2003, p. 43; LEWIS, 1986, p. 128).

¹ Versões desse texto foram apresentadas no V Congresso Transdisciplinar Internacional Direito e Cidadania no 3º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais – ABRI com o título “As Possibilidades e os Limites do ‘Realismo Periférico’: A Política Externa Do Paraguai de 1954 a 1989”.

* Professor da Universidade Federal de Grande Dourados – UFGD, Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (tomazeneto@gmail.com).

Entre 1940 e 1941 fez um curso de artilharia no Brasil, e nessa ocasião cultivou uma rede de contatos com militares brasileiros, que se mostrou muito útil em diversos momentos, tanto para brasileiros como para paraguaios. Desde então, “El Rubio” ascendeu gradualmente na carreira militar, e passou a se envolver diretamente na política paraguaia.

Stroessner teve papel crucial na frente sul da guerra civil de 1947, quando permaneceu fiel ao então presidente Morínigo e combateu as forças revoltosas, comandadas pelo coronel Franco (LEWIS, 1986, p. 132).

Em 1948, participou de dois golpes de Estado. O primeiro, em 3 de junho de 1948, derrubou o presidente Morínigo, e “El Rubio” aproveitou a oportunidade para eliminar grande parte dos seus desafetos, como o coronel Enrique Gimenez. O segundo golpe, em novembro do mesmo ano, conspirou contra o presidente Natalicio González; no entanto, dessa vez a manobra foi frustrada por forças leais ao presidente (LEWIS, 1986, p. 139).

Perseguido, Stroessner foi obrigado a se esconder no porta-malas de um veículo da Missão Militar Brasileira para conseguir entrar na embaixada do Brasil em Assunção, onde se refugiou até a concessão de um salvo-conduto para o exílio em Posadas, na Argentina (FARINA, 2003, p. 67). Mas ele retornaria ao Paraguai já em 1949, após o sucesso de um novo golpe, capitaneado por Frederico Chávez e Molas López, novamente contra González. Graças aos contatos internos e externos e ao prestígio junto aos militares paraguaios, retornou aos quadros das forças armadas paraguaias, assumindo cargos importantes (LEWIS, 1986, p. 140).

Em 1951, foi nomeado comandante em chefe das Forças Armadas Paraguaias. Discretamente, iniciou a reorganização e redistribuição das tropas no território paraguaio, perseguindo seus oficiais inimigos e substituindo-os por homens de sua confiança. Com o incremento de sua influência política, Stroessner atraiu a atenção de autoridades estadunidenses, brasileiras e argentinas. Passou então a ser adulado, recebendo homenagens e outros “regalos”. Continuou a cultivar uma extensa rede de contatos e a ter acesso direto aos gabinetes de governos estrangeiros (LEWIS, 1986, p. 140).

“Don Stroessner” percebeu a importância dos militares no conturbado contexto político paraguaio, marcado pela constante luta pelo poder entre os partidos Colorado, Liberal e **Febrerista**. Assim, mesmo filiado ao Partido Colorado, nutria um imenso desprezo pela maioria dos políticos paraguaios: “Los civiles crean problemas y luego quieren solucinarlos mandando a militares a balearse” (FARINA, 2003, p. 99).

Em 1954, o Paraguai enfrentava mais uma crise política. Stroessner aproveitou-se disso para um novo golpe de Estado, em 5 de maio, quando conseguiu se impor sobre as demais forças políticas com apoio dos militares. Assumiu formalmente a Presidência da República em 15 de agosto de 1954.

Iniciou então uma perseguição política aos seus reais e potenciais adversários. Seu objetivo era “domar” as forças políticas paraguaias enquanto expandia sua influência, fosse cooptando, fosse eliminando as vozes divergentes. Os opositores que escaparam da perseguição se exilaram em território argentino; de lá e com apoio do governo da Argentina, conspiravam contra “Don Alfredo”.

No âmbito interno, o governo Stroessner apoiou-se num tripé formado pelas forças de segurança (forças armadas e policiais), o Partido Colorado e a burocracia.

As forças de segurança, detentoras do monopólio da violência, eram responsáveis pela repressão e perseguição aos inimigos do regime, e são consideradas como a face mais terrível da ditadura paraguaia. Todos os oficiais eram obrigados a pertencer aos quadros do Partido Colorado e jurar lealdade a Stroessner.

O controle social estendia-se para dentro de outras instituições, como as pertencentes ao poder judiciário – cujas autoridades foram corrompidas por Stroessner – e o Serviço de Inteligência, formado pelos *pyraques*², que aprisionavam, torturavam, condenavam e matavam opositores, muitas vezes sem denúncia formal. Assim, espalhava-se o

2 Funcionários públicos e membros do Partido Colorado que trabalhavam à paisana como delatores de possíveis opositoristas.

clima de medo e terror. Chiavenato (1980, p. 8) afirma que o terrorismo político e a corrupção foram as bases de sustentação de Stroessner.

Afora isso, o controle estatal sobre as informações e os veículos de imprensa impedia a circulação de ideias dissonantes do repertório oficial, além de dificultar a organização da oposição e a emergência de novas lideranças político-sociais.

Já o Partido Colorado era o interlocutor privilegiado entre o Estado e a sociedade, com a capacidade de identificar e desarticular segmentos descontentes com o governo. A Igreja Católica foi a única exceção. Essa possuía uma margem de manobra política um pouco maior do que os demais grupos político-sociais.

Os cargos burocráticos eram ocupados por membros do Partido Colorado e das Forças Armadas, fiéis ao Presidente, que não raramente utilizavam-se das suas posições para extrair prebendas, privilégios e favores do Estado e dos outros grupos sociais (GOIRIS, 2000, p. 43). Muitos ministérios tornaram-se “verdadeiros feudos” de famílias importantes do Paraguai (LEWIS, 1986, p.224). No entanto, Stroessner nomeou técnicos de renome, oriundos das classes médias paraguaias, para postos importantes, como o das Relações Exteriores e a presidência da ANDE (Administración Nacional de Eletricidad), e esses profissionais dinamizaram setores importantes da economia paraguaia.

O controle estatal das principais atividades produtivas, como o estabelecimento de monopólios comerciais e a obrigatoriedade de licenças prévias, criou uma grande dependência da sociedade em relação aos favores das autoridades do Estado, o que alimentava a corrupção. Também era notório o vínculo de algumas autoridades do primeiro escalão com atividades ilícitas, como tráfico de drogas (principalmente heroína), receptação de carros roubados no Brasil, contrabando de armas, comércio ilegal de mercadorias, lavagem de dinheiro e proteção a criminosos internacionais (FARINA, 2003, p 281-286).

“Don Stroessner”, mesmo sem ser um líder carismático, utilizou as mais diversas instâncias para instituir o culto à sua personalidade: suas fotos estavam em toda parte, as rádios difundiam peças musicais como a polca “Don Alfredo”, e várias autarquias, estradas, aeroportos, bairros e mesmo cidades, como Puerto Stroessner (atual Ciudad del Leste) foram batizadas e/ou renomeadas com seu nome. Stroessner centralizava em torno de si as principais decisões de Estado e acompanhava com muita atenção a movimentação dos diversos grupos político-sociais paraguaios (LEWIS, 1986, p. 200).

Resumiendo, Stroessner constituye la fuerza directriz y cohesiva del régimen. Sin él, podría disolverse en una serie de facciones incoherentes. Ha suerado la aparentemente endémica anarquía en Paraguay con sólo exiliar a todos los políticos de mentalidad independiente y concentrar en sus manos una gran cantidad de poder. Ejerce una supervisión cercana y personal sobre las tres burocracia que rodean su régimen: la militar, la del partido y la del servicio civil del gobierno. Cada nombramiento y acenso militar, cada reunión, resolución o elección del partido, cada miembro mayoritario dentro del Congreso, cada disposición legislativa, cada magistratura, cada puesto ejecutivo y cada decisión del gabinete debe llevar su sello de aprobación (LEWIS, 1986, p. 200).

O ditador compreendeu que a chave para sua manutenção no poder era o crescimento econômico. Além de atenuar a pobreza na base da sociedade, mantinha lubrificadas as engrenagens da corrupção política através do fluxo ininterrupto de recursos para os grupos leais ao governo (FARINA, 2003, p. 93).

El Paraguay de 1954, com sus 1.500.000 habitantes, era um país paupérrimo, sin infraestructura física, sin caminos (de 1.215 kilómetros de rutas, solo 87 kilómetros tenían asfalto), con casi nula producción industrial, La única ciudad que podía preciarse de tal era Asunción y ni tan siquiera contaba con servicio

de agua potable, un anhelo desde 1901 que nunca se podía concretar porque los gobiernos de la época estaban más inmersos en sus problemas internos con revoluciones y contrarrevoluciones...

El Paraguay era el único país en Sudamérica que no tenía una sola ciudad, ni tan sólo su capital, servida por agua corriente. Tal era el grado de pobreza y atraso [...] (FARINA, 2003, p. 93, grifo do autor).

Para tanto, Stroessner iniciou a articulação entre as políticas doméstica e internacional para estabilizar a economia e obter financiamentos externos para obras de infraestrutura e investimentos em atividades produtivas, essenciais para o crescimento da economia paraguaia.

A política externa do Paraguai de 1954 a 1989

Como foi dito acima, o principal objetivo da política externa paraguaia de 1954 a 1959 era manter as bases de sustentação do *Stroonatto*, por meio do isolamento dos opositores do regime e da obtenção de financiamentos e investimentos externos, com o objetivo de continuar alimentando a corrupção política e atenuar o estado de penúria presente na base da sociedade.

Os três eixos principais dessa política externa eram: a manutenção das boas relações com os Estados Unidos, com vistas a obter recursos externos e apoio político essencial para a legitimação do regime; a aproximação com o Brasil, para conseguir investimentos e, assim, diminuir a influência argentina na vida política paraguaia; e por fim, a manutenção de relações maduras com a Argentina, buscando evitar a “satelitização” do Paraguai pelo Brasil.

A política internacional de Stroessner, por sua vez, pode ser dividida em três grandes fases: a construção de sua política externa (1954–1973); o apogeu dessa política (1973–1982); e o esgotamento desse modelo de inserção internacional (1982–1989).

As contraditórias relações entre Paraguai e Estados Unidos

A ascensão de Stroessner, com sua política de combate aos movimentos “subversivos” de esquerda e sua retórica anticomunista, agradou às autoridades norte-americanas. O alinhamento político do Palácio López às diretrizes e ideologia da Casa Branca tornou as relações paraguaio-estadunidenses muito amistosas entre os anos de 1954 e 1960 (MORA, 2001, p. 4-5). O Paraguai, em contrapartida ao apoio e aos “serviços prestados”, recebeu cerca de 53,2 milhões de dólares de ajuda norte-americana (MORA, 2001; FARINA, 2003).

Entretanto, no período entre 1960 e 1977 Washington redimensionou suas relações com Assunção. A Casa Branca passou a pressionar o Palácio López no sentido de obter uma maior cooperação no combate às atividades ilícitas, como tráfico de drogas, lavagem de dinheiro e prostituição infantil, entre outras.

A partir daí, iniciou-se o desgaste nas relações estadunidense-paraguaias.

Na gestão Jimmy Carter (1977–1981), marcada pela política de promoção dos direitos humanos, o embaixador norte-americano denunciou a violência praticada pelas forças paraguaias de segurança, e os Estados Unidos reduziram sensivelmente a ajuda financeira ao Paraguai.

As relações Assunção-Washington se deterioraram ainda mais durante o mandato de Ronald Reagan (1981–1989). A “guerra” às drogas promovida pelo governo norte-americano causou o aumento da pressão sobre o governo paraguaio: Washington praticamente cortou os repasses financeiros à Assunção e suspendeu o Paraguai da lista do Sistema Geral de Preferência (SGP) (FARINA, 2003; MORA, 2001, p. 12).

As relações Brasil-Paraguai: destinos unidos por Itaipu

Desde o início do seu governo, Stroessner priorizou uma aproximação entre Assunção e Brasília, tentando contrabalançar a influência argentina oriunda da dependência paraguaia do porto de Buenos Aires para suas comunicações externas, devido a questões geográficas.

[...] O governo de Stroessner punha grande importância na nova relação por motivos econômicos e políticos. A razão econômica era que aquela aproximação representava um novo caminho para exportar e importar produtos sem a imperiosa necessidade de ir através do porto de Buenos Aires. A razão política era que Buenos Aires era a base e o quartel general da oposição ao seu governo [...] (MENEZES, 1987, p. 54).

Stroessner buscou atrair a atenção do Brasil para o potencial hidráulico do Paraguai, com o objetivo de enredá-lo na política e na economia paraguaia (BOETTNER, 2004). O Brasil, por sua vez, vislumbrava no Paraguai um aliado político e um importante mercado para o comércio e os investimentos na região (MENEZES, 1987, p. 54).

Os laços se estreitaram ainda mais em 1957, quando as autoridades dos dois Estados assinaram acordos importantes: a construção e pavimentação de estradas entre a fronteira brasileira e grandes cidades paraguaias como Concepción; a construção da usina de Acaray; a construção da ponte da Amizade, que ligaria a cidade de Foz Iguaçu a Puerto Stroessner; a abertura de uma Missão cultural e a construção do Colégio Experimental Paraguai-Brasil, entre outros convênios (SILVA, 2006, p. 67). No entanto, o litígio territorial por Sete Quedas quase pôs tudo a perder. “Tudo parecia perfeito entre Brasil e Paraguai desde a administração de Juscelino Kubitschek. Mas a polêmica sobre Sete Quedas quase partiu ao meio aquela nova relação” (MENEZES, 1987, p. 64).

O litígio territorial em torno de Sete Quedas, ou Salto de Guairá, começou com a divulgação do projeto de construção de uma imensa usina na região, em 1962. O Paraguai, por meio de uma “reinterpretação” do Tratado de 1872, afirmava que a área da futura barragem era território paraguaio; o Brasil reiterava que as cataratas encontravam-se em território brasileiro. Em 1964-1965, uma série de incidentes na fronteira colocou os dois países muito próximos de um conflito. O “mal-estar” somente foi resolvido com a assinatura da “Ata das Cataratas” em 1966, que não resolvia a questão da soberania sobre Sete Quedas, mas garantia aos dois países igual participação em qualquer projeto hidroelétrico na área (ESPÓSITO NETO, 2008).

Pouco tempo depois, o governo brasileiro nomeou Gibson Barboza embaixador brasileiro em Assunção. No seu livro de memórias, Barboza relembra as tensões vividas na época. Afirma ser de sua autoria a ideia de construir Itaipu e “submergir” o litígio territorial com o Paraguai (BARBOZA, 1992).

Em 1967 foi criada uma comissão mista para analisar a viabilidade e os detalhes técnicos da construção da obra. Após intensas negociações por anos a fio, os dois Estados assinaram o Tratado de Itaipu (1973), que versa sobre o aproveitamento hidroelétrico das cataratas de Sete Quedas. Assim, Brasil e Paraguai, apesar de suas assimetrias, tornaram-se sócios na empreitada de Itaipu, e seus destinos, a partir de então, foram unidos pelo concreto e pela energia dessa grandiosa obra.

Essa iniciativa, no entanto, enfrentou uma obstinada oposição de Buenos Aires, pois as elites políticas argentinas temiam a ruptura do equilíbrio de poder no subsistema do Prata em favor do Brasil e em detrimento da Argentina, com a consequente “satelitização” do Paraguai (GUGLIAMELLI, 2007). Essa questão somente seria resolvida com o Tratado Tripartite (1979).

Apesar do “casamento” entre Brasil e Paraguai, Assunção iniciou um *affair* com Buenos Aires, quando assinou os acordos para a construção de Yaciretá e Corpus, ainda em 1973. Stroessner reformulou sua política externa de aliança com o Brasil, transformando-a em uma “neutralidade pragmática” (MENEZES, 1987, p. 112).

[...] Na verdade, quem se encontrava em uma boa posição era o país Guarany, pois o que ele perdesse em Itaipu com o rebaixamento da cota, recuperaria das usinas de Corpus e Yaciretá. Assim o desacordo era mais entre Brasil e Argentina, com o Paraguai em uma excelente posição, principalmente porque um daqueles projetos já estava em construção e desse modo seu poder de barganha aumentava (MENEZES, 1987, p. 112).

A partir do final da década de 1970, novos desentendimentos (sobre a ciclagem e o preço da energia, entre outros), a crise econômica da década de 80 e mudanças sistêmicas acarretaram uma redefinição das relações entre o Palácio López e o Palácio do Planalto.

A questão da ciclagem da energia (1977) surgiu com a exigência, por parte de Assunção, de que metade das turbinas de Itaipu gerasse energia ao padrão 50 Hz, ou seja, o adotado por todos os países do continente sul-americano, exceto o Brasil, cujo padrão é de 60 Hz. Na prática, o Brasil não poderia comprar a energia paraguaia de Itaipu, a menos que investisse uma vultosa soma na construção de um sistema de conversão para o padrão brasileiro (MENEZES, 1987; ESPÓSITO NETO, 2006). Outra solução possível seria mudar o padrão do sistema paraguaio para 60 Hz, o que implicaria na troca de grande parte dos eletro-eletrônicos do Paraguai, mas não haveria ônus para o Tesouro brasileiro. Stroessner, ao retardar a decisão, procurou forçar uma nova barganha com as autoridades brasileiras, que, cansadas da postura paraguaia, decidiram assumir os custos do sistema de conversão (MENEZES, 1987, p. 124).

Os reclamos paraguaios por um papel mais proeminente na direção de Itaipu binacional (DEBERNARDI, 1996, p. 356) e os apelos por um aumento real no preço da energia vendida ao mercado brasileiro (MENEZES, 1987, p. 127; DEBERNARDI, 1996) foram outros motivos do esfriamento no relacionamento Brasil-Paraguai.

Na década de 80, fatores como a crise econômica, a redemocratização e o endurecimento brasileiro no combate às atividades ilegais na fronteira envolvendo altas autoridades paraguaias fizeram com que as relações brasileiro-paraguaias perdessem o seu “fôlego”.

As relações Paraguai-Argentina: o afastamento pragmático

Logo após o golpe que o levou à presidência, Stroessner reorientou a política externa paraguaia e iniciou um processo de distanciamento em relação a Buenos Aires. Uma de suas primeiras medidas foi denunciar o Convênio da União Econômica entre Argentina e Paraguai, assinado em 1953 (MORAES, 2003, p. 382-383).

Houve uma aproximação entre Brasília e Assunção. A diplomacia argentina não conseguiu obstruir esse processo, em virtude das inúmeras crises políticas e econômicas oriundas das lutas entre peronistas e “anti-peronistas”. As autoridades de Buenos Aires se dispuseram a agir somente quando se iniciaram as tratativas brasileiro-paraguaias, que redundaram no Tratado de Itaipu.

A estratégia argentina era impedir a construção da imensa barragem através da “multilateralização” da questão de Sete Quedas e da introdução do princípio da consulta prévia, sem oferecer qualquer alternativa para solver a necessidade brasileira de energia e as demandas paraguaias de desenvolvimento. Assim, a Casa Rosada enfrentou uma forte oposição do Palácio López e do Palácio do Planalto, que passaram a coordenar a ação na arena internacional, além de acelerar as negociações em torno de Itaipu (ESPOSITO NETO, 2008).

No seu segundo mandato, Perón (1973–1974) alterou as diretrizes da política externa argentina, passando a cortejar as autoridades paraguaias com a oferta de duas hidroelétricas (Yaciretá e Corpus) em termos similares aos do acordo brasileiro-paraguaio de Itaipu. Buscava assim cindir a aliança entre Brasil e Paraguai, suscitando o problema da ciclagem e outras questões técnicas, como a necessidade da harmonização do nível das cotas da lâmina d’água entre o projeto de Itaipu e de Corpus (PARDO & FRANKEL, 2004, p. 239).

A morte de Perón (1974) e a lutas entre as diversas facções argentinas pelo poder provocaram uma nova série de crises econômicas e políticas que impediram a continuidade de sua política. Agregou-se também às crises a disposição brasileira em negociar a partir de uma posição de força por meio da construção de Itaipu.

O fracasso do Processo de Reorganização Nacional (PRN) imposto pela ditadura argentina (1976–1983), a guerra das Falklands/Malvinas (1982), a crise econômica da década de 80 e o governo de Raul Afonsín (1983–1989) – que nutria um verdadeiro desprezo pelas ditaduras – fez com as relações argentino-paraguaias esfriassem e os projetos de cooperação fossem atrasados ou abortados, por falta de recursos ou mudança de prioridades.

A queda de Stroessner

Ao lado do caráter repressivo, o sistema de legitimação do *Stronato* dependia basicamente da atração de recursos externos, para sustentar o crescimento paraguaio através do investimento estatal em infraestrutura e manter lubrificadas as engrenagens da corrupção nos diversos grupos do Partido Colorado e dos militares. Estados Unidos, Brasil e Argentina eram os potenciais financiadores do Estado paraguaio.

Durante anos, a estratégia paraguaia funcionou muito bem. Contudo, as mudanças nas diretrizes da política externa norte-americana, as transformações no cenário internacional com o fim da Guerra Fria, a prolongada crise econômica e a mudança dos regimes políticos na América do Sul na década de 80 erodiram a base da política interna e externa paraguaia de Stroessner (FARINA, 2003, p. 329).

Assim, “El supremo” viu-se sem recursos para manter a sua base de apoio, e logo seus “antigos aliados” e tradicionais opositores iniciaram as maquinações contra ele. Em 3 de fevereiro de 1989 as forças conspiradoras, lideradas pelo General Andrés Rodríguez, destituíram Alfredo Stroessner, que se refugiou na embaixada brasileira e asilou-se, até a sua morte, em território brasileiro.

Conclusão

Foram apresentados aqui os principais eixos da política externa do governo Alfredo Stroessner, certamente uma das ditaduras mais duradouras na América do Sul. Essa longevidade é explicada por uma estratégia que articulava as políticas interna e externa do Paraguai.

Seu principal objetivo era conseguir os recursos necessários para o desenvolvimento do país e para manter em funcionamento a “máquina de corrupção” paraguaia.

Os três grandes eixos da inserção internacional paraguaia eram o alinhamento com os Estados Unidos, a aproximação com o Brasil e o afastamento pragmático da Argentina. São considerados êxitos desse período o grande crescimento econômico e a construção de grandes obras de infraestrutura no Paraguai, como Itaipu, Yaciretá, rodovias, ferrovias e aeroportos, dentre outras.

No entanto, Stroessner não conseguiu se adaptar às mudanças na política, na economia e nos valores da comunidade internacional da década de 80, o que resultou no isolamento internacional do Paraguai e na perda de prestígio do ditador. Os “velhos” e “novos” conspiradores encontraram então um terreno fértil para depor Stroessner, já velho, carcomido e fraco, assim como sua ditadura.

Os resquícios do *Stronato* permaneceram durante muitos anos; a perenidade da máquina política do Partido Colorado é uma prova disso. A eleição de Fernando Lugo indicou que uma nova etapa na política paraguaia poderia se iniciar. No entanto, um processo sumário de *impeachment*, conduzido por parlamentares colorados e ex-colorados, derrubou Fernando Lugo e demonstrou a força dos partidos tradicionais paraguaios.

Referências Bibliográficas

- Barboza, Mario Gibson. 1992. *Na diplomacia o traço todo da vida*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Boettner, Luis M. R. 2004. *Memorias: sessenta y seis años de vida internacional*. Paraguay, Assunción: Intercontinental Editora.
- Chiavenato, Julio José. 1980. *Stroessner: Retrato de uma ditadura*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Debernardi, Enzo. 1996. *Apuntes para la Historia de Itaipu*. Assunción, Paraguai: Editorial Gráfica Contunua S. A.
- Espósito Neto, Tomaz. 2006. *A política externa brasileira frente ao conflito das Falklands/Malvinas (1982)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC-SP.
- Espósito Neto, Tomaz. 2008. *Itaipu e as águas da discórdia*. Niterói: ABED.
- Goiris, Fábio Aníbal Jará. 2000. *Autoritarismo e Democracia no Paraguai Contemporâneo*. Curitiba: Ed. UFPR.
- Goiris, Fábio Aníbal Jará. 2004. *Paraguay: ciclos adversos y cultura política*. Assunción, Paraguai:
- Gugliamelli, Juan Enrique. 2007. *Pensar con Estrategia*. Remedios de Escalada. Argentina: Ed. De la UNLA.
- Lewis, Paul H. 1986. *Paraguay bajo Stroessner*. México, México D. F.: Fondo de Cultura Económica.
- Moraes, Ceres. 2003. *As políticas externas do Brasil e da Argentina; o Paraguai em jogo (1939-1954)*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUC-RS.
- Farina, Bernardo Néri. 2003. *El Último Supremo: La crónica de Alfredo Stroessner*. Paraguay, Assunción: Editorial El Lector.
- Menezes, Alfredo da Mota. 1987. *A Herança de Stroessner: Brasil-Paraguai, 1955-1980*. Campinas: Editora Papirus.
- Mora, Frank. 2001. *Paraguayan Foreign Policy; The legacy of authoritarianism*. Washington, DC: LASA Congress.
- Pardo, Carlos A. e Frenkel, Leopoldo. 2004. *Perón: La unidad nacional entre el conflicto y la reconstrucción (1971-1974)*. Argentina, Córdoba: Ediciones del Copista.
- Silva, Ronaldo A. do Amaral. 2006. *Brasil-Paraguai: marcos da política pragmática na reaproximação bilateral, 1954-1973*. Dissertação de mestrado. Brasília: Unb.

Resumo

A longevidade da ditadura Stroessner destoa da instabilidade política vivenciada desde o fim da Guerra do Paraguai, podendo ser atribuída à repressão social e crescimento econômico devido, parcialmente, a uma política externa pragmática e “realista”, cujos principais eixos são aqui analisados, principalmente em relação aos Estados Unidos, Brasil e Argentina.

Abstract

The longevity of Stroessner dictatorship clashes with the political instability experienced from the end of Paraguayan War. It can be attributed to social repression and economic growth due, partly, to a pragmatic and “realistic” foreign policy, whose main aspects are here analyzed, regarding especially United States, Brazil and Argentina.

Palavras-chave: Paraguai; Política Externa Paraguaia; Stroessner

Keywords: Paraguay; Paraguayan Foreign Policy; Stroessner

Recebido em 18/09/2012

Aprovado em 19/10/2012